



O terrível caso do b  tão assassino

Luísa Marques da Silva



Título

O terrível caso do botão assassino

Autora (maravilhosa)

Luísa Marques da Silva

Todos os direitos reservados ©2015 Luísa Marques da Silva

Capa

Luísa Marques da Silva

2ª edição

Lisboa, Setembro de 2015

WNFE

<http://wnfe.my-free.website>

Esta edição pode e deve ser distribuída por todas as alminhas que a quiserem ler.

Comentários, em especial os porreiros, podem ser enviados para wnfe@sapo.pt

O despertar

Era uma vez um botão amarelo. Tinha um ar inofensivo, com o seu centímetro e meio de diâmetro, o seu tom muito vivo e dois buracinhos no meio, mas a verdade é que era cruel e tinha prazer em fazer o mal.

O seu primeiro crime dera-se quando habitava a segunda casa da jaqueta de um pobre jardineiro, um velho homem encurvado, que tratava das flores dos jardins alheios para ganhar uns cobres e que bebia para adormecer todas as noites, refugiando-se nos sonhos, protegendo-se assim de uma realidade dolorosamente espinhosa.

Apesar de não ter sido realmente por culpa do botão, fora por sua causa que o jardineiro perdera a vida no meio de um roseiral: uma vespa enorme sentira-se atraída pela cor viva do botão e o jardineiro, ao tentar afastá-la, tropeçara numa pedra e caíra sobre a tesoura de podar, espetando-a no coração. Tendo tombado em cima de uma roseira viril, de grossos espinhos e gordas rosas encarnadas, o corpo ficou parcialmente encoberto, sendo apenas dado o alarme três horas depois. O botão ficou todo esse tempo debaixo do corpo, quietinho, a gozar a situação, coberto de sangue. Na verdade nunca se sentira assim anteriormente. Sempre fora considerado um botão de bom coração... mas agora... aquele sangue que o encharcava... inebriava-o... enlouquecia-o... de prazer. E naqueles momentos de insanidade, lembrou a sua vida, episódio por episódio.

Saíra da fábrica e fora colocado num saco de plástico, transparente e claustrofóbico, que continha umas dezenas de botões iguais a ele. Fora directamente levado para uma velha retrosaria na Baixa, de armários em madeira, pintados com tinta creme, onde ele e os seus companheiros passaram quase três meses, fechados numa gavetinha perra, sem verem uma pinga de luz do sol. Nessa gavetinha encontravam-se muitos sacos cheios de botões da mesma série que o nosso botão, mas de outras cores. Como os sacos eram transparentes, podiam observar-se uns aos outros, admirarem as cores e até trocarem algumas impressões.

Durante esses três meses, criou algumas amizades e nada faria pensar que se tornaria um botão psicopata. Apesar da imobilidade e do ar rarefeito, adaptara-se rapidamente e dava-se muito bem com o botão que tinha por cima. Mas mesmo no meio de amigos, a vida era um pouco monótona e, tal como todos os outros botões, ansiava por ser comprado e sair dali. Ainda para mais ouvira uma ou duas histórias sobre o "mundo real", que os botões azuis e vermelhos, que estavam lá há mais tempo, contavam em voz alta, a quem os quisesse ouvir, e sonhava com o dia em que iria partir à aventura.

Claro que havia sempre uma grande festa entre os botões quando a caixa era aberta. Podiam ver a luz do sol e sonhar que iam ser comprados! Pelo menos a luz do sol era uma certeza. E também podiam olhar para os donos da loja e fazer apostas sobre qual seria o Joaquim e qual seria o Manuel, os nomes que ouviam, escutando atrás da gaveta. É que os donos da retrosaria eram dois octagenários, ambos carecas e de sobrelhas espessas, tão parecidos que nenhum artigo da retrosaria conseguia distinguir.

A recordação mais marcante que guardava desses dias de cativo era a de uma tarde em que estivera quase a ser vendido: uma senhora indicara o saco onde se encontrava e um dos velhotes tirara-o, juntamente com alguns outros elementos da caixa, e colocara-os em cima de um tecido amarelo e aveludado. Nunca se esqueceria dessa sensação: o tecido era tão suave, tão fofo... e a mulher tinha uns olhos tão azuis, tão bonitos! Desejou ardentemente ser comprado por ela, viver na sua roupa macia... Infelizmente era demasiado berrante e voltou recambiado para a caixa. Nessa noite sonhou que era o botão de cima de um elegante vestido amarelo e que a senhora dos olhos azuis o acariciava antes de o desapertar. Depois, deitava cuidadosamente o vestido numa cadeira, ficando o botão virado para uma enorme janela que dava para um jardim. No seu sonho viu as árvores do jardim sacudirem-se com o vento, viu a lua reflectida num lago, viu um mocho e ouviu grilos. Foi um sonho lindo, um sono santo.

Noutra ocasião, a gaveta abriu-se e um botão foi extraído do saco dos primos verdes. Mas foi rapidamente recusado e quando o senhor Joaquim (ou seria o senhor Manuel?) o guardava de novo no plástico, o botão cor de relva caiu e rolou para debaixo de um armário. Como o senhor estava a atender um cliente, depois de o ter tentado recuperar uma primeira vez, desistiu e abandonou o pobre botão ao seu destino, pensando com os seus botões que o apanhava depois. Só que nessa altura tinha muitos clientes na loja e quando, finalmente, teve um minuto de descanso já se tinha esquecido do pequeno objecto extraviado.

Durante duas semanas todos os botões falavam no caso, tentando imaginar o que estaria a acontecer ao parente verde, até que o botão perdido, depois de uma varridela mais séria, foi repostado no saquinho. Vinha sujo, coberto de pó, mas orgulhoso da sua aventura. Tinha sido tocado pelo amor: tinha conhecido uma linda rosinha amarela, em croché, que andava perdida havia dois anos. Agora, ambos tinham voltado à respectiva caixa, mas continuavam a suspirar de amor, e a sonhar o impossível de serem comprados pela mesma pessoa e fazerem, um dia, parte da mesma peça de vestuário. E estava este drama na berra, quando os gémeos Manuel e Joaquim conseguiram vender o nosso botão.

Foi o único a ser comprado pelo jardineiro e ficou escandalizado com o preço que custava: era miseravelmente barato, o botão mais barato da loja! Sentiu-se tristemente enrolado num pedacito de papel pardo e lá foi ele, deprimido com a sua solidão (não era normal um botão ser comprado à unidade), e apavorado com a cara horrível e pencuda do seu hospedeiro: a boca escancarada, quase desdentada, o lábio inferior pendente e um fino fio de baba a escorrer até ao queixo.

No dia seguinte foi cozido à jaqueta áspera e de má qualidade do jardineiro, no meio de outros botões idiotas e sonsos, de um amarelo muito mais pálido que ele, com uma linha cinzenta que lhe ficava muito mal e, ainda por cima, com uma agulha grossíssima, que o arranhava em cada ponto (note-se o contexto erótico do acto).

Para um botão é um acontecimento muito solene ser cozido num tecido e como para o botão amarelo a experiência se revelou traumatizante talvez se possa assim explicar o seu comportamento posterior. No entanto, a sua natureza cruel não se revelou nos dois meses que viveu com o jardineiro e até acabou por apreciar bastante o facto de se encontrar diariamente no meio de tantas flores coloridas e cheirosas.

Em todos estes acontecimentos pensava o botão enquanto jazia sobre o cadáver do infeliz jardineiro, rejubilando por saber que não voltaria a levar com aquela baba repelente que de tempos a tempos o salpicava.

Entretanto, o corpo foi descoberto e começaram a juntar-se pessoas. Chegou um carro com polícias, uma ambulância e uns homens de batas brancas, que resolveram enfiar o jardineiro num saco de plástico preto. Só que o botão amarelo ficou preso no fecho e quando um polícia deu neste um puxão mais forte, a linha cinza cedeu e o botão soltou-se, caindo ao chão e rolando novamente para debaixo da roseira, exactamente para o meio da poça de sangue.

E lá ficou, naquele solo maldito, duas estações inteirinhas... Choveu, fez sol, a terra secou, a terra voltou a encharcar-se e o botão atravessou um dos períodos mais chatos da sua existência. Mas a paciência é um dos pontos fortes dos botões e assim entreteve-se a pensar nas pessoas que iria matar quando voltasse a integrar a sociedade.

Os primeiros passos

E foi num belo dia de sol que um cãozinho branco e farfalhudo, com um grande laço encarnado à volta do pescoço, resolveu ir esgravatar o pedaço de terra onde o botão amarelo estava semienterrado. Fez mal, porque o botão amarelo aproveitou logo para o matar. Como o roseiral em que passara os últimos tempos dava para um passeio de um metro de largo, que, por sua vez, dava para uma rua relativamente movimentada, o botão só teve de começar a rolar pelo pavimento, em direcção à estrada. A sua cor viva atraiu a atenção do cãozito cretino que se esqueceu do seu objectivo inicial de esconder um osso e que o começou a perseguir. O botão assassino rolou cada vez mais depressa, primeiro paralelamente à estrada, para fazer a bola de pêlo que o perseguia ganhar balanço, e depois em direcção a um carro que passava.

A morte do poodle foi instantânea, mas nada higiénica. O carro teve de ser lavado e esfregado várias vezes até ficar livre dos tufos de pêlo e pedaços de carne que o cachorro perdera na sua derradeira corrida.

O botão, por sua vez, ficou no meio da estrada em estado de orgasmo, a tremer de excitação, permanecendo assim até às duas da manhã. A essa hora foi recolhido por um homem de cabelo muito escuro empastado em brilhantina, calças brancas colantes e uma larga camisa de seda rosa, aberta sobre o peito peludo, onde se emaranhava um fio dourado e faustoso. O homem apanhou o botão do chão, olhou-o com atenção e murmurou entre dentes: "Porreiro, é mesmo esta a cor". O Botão conseguiu ainda ver um dente de ouro a brilhar na boca de lábios finos, antes de ser encaminhado para o bolso do peito da camisa rosa.

Dormia há umas duas horas quando o ruído de vozes o acordou. Espreguiçou-se bem disposto e espreitou para fora do bolso: estava numa tasca encardida, mal iluminada, cheia de homens feios e olheirentos, a maioria de cigarro no canto da boca. O seu hospedeiro, a quem o empregado do balcão não parava de chamar amigavelmente "pá", bebia uma Sagres pelo gargalo. Pela quantidade de garrafas que se encontravam no balcão e pela voz pastosa, não era difícil concluir que estava embriagado.

O botão amarelo analisou o cenário com atenção e uns minutos depois já tinha um plano. Não ia ser agradável de realizar, implicava uma coordenação perfeita de movimentos, mas seria certamente eficiente.

Durante duas cervejas, o botão ali ficou, a espreitar do bolso, atento ao vai-e-vem da garrafa. Até que finalmente se sentiu pronto: quando o senhor "pá" levava a cerveja à boca, saltou para o gargalo, conseguindo equilibrando-se na pequena superfície. Ficou a ver a boca a aproximar-se, cada vez mais perto... cada vez mais perto... E quando os lábios sequiosos se entreabriram rolou entre eles como num filme do Indiana Jones que vira com o jardineiro, deslizou ao longo da faringe e depois estacou, ficando à espera que a epiglote se abrisse. Uma inspiração profunda do pobre homem, já consciente de que algo de estranho se passava e o botão lá estava, na laringe, aconchegadinho sobre as cordas vocais.

Lugar fantástico. Sufoco garantido! Ouvia uma garrafa a quebrar-se e preparou-se para o pior.

Resistiu heroicamente ao pigarreio inicial da vítima, que despertava para uma situação nova e desagradável. O segundo "runrum" foi mais violento e ainda racional, pelo que o botão esteve quase a soltar-se.

Nos segundos que se seguiram sobreviveu a mais de cem terríveis expirações: as primeiras ainda com o senhor "pá" lúcido, praguejando como podia, apenas incomodado com o desconforto e com uma leve falta de ar; as seguintes acompanhados de muitos espasmos e de uns gemidinhos que foram crescendo de tom até atingirem o estatuto de verdadeiros vagidos de horror.

Naqueles segundos decisivos, o botão teve ainda de fazer frente aos saltos da vítima, às pancadas nas costas dadas pelos amigos e às secreções que o enojavam e que quase o faziam deslizar e perder a sua posição assassina. Estava tudo a correr lindamente (para o botão, claro), quando uma última expiração profunda e desesperada do senhor "pá" o levou de volta à faringe.

Ficou uns segundos atordoado, a pensar para onde teria de ir, repugnado com os vestígios de vômitos que por ali rondavam, quando uma fortíssima contracção da faringe o fez saltar disparado pela boca do senhor "pá" e aterrar violentamente numa prateleira por cima de um fogão gorduroso.

Ali ficou uns segundos, estonteado, apavorado com a perspectiva da vingança humana, que estava certo iria sofrer. Os humanos eram ridículos e muitas vezes acalmavam o seu ódio e as suas frustrações danificando material inanimado. Sabia o que o esperava...

Mas, para seu grande espanto, não apareceu ninguém para o esmagar debaixo de um sapato, para o derreter no micro-ondas, para (horror dos horrores!) o atirar pela retrete abaixo. Ninguém. Todos se debruçavam sobre um corpo caído que não dava sinais de vida.

O botão sentiu as forças a voltarem. Riu-se. Riu-se muito. Soltou uma gargalhada histérica: mais um na sua lista negra!

Estava o botão de novo em êxtase quando o seu olhar caiu sobre o fogão, um metro abaixo. De onde estava conseguia ver os botões do gás, alinhadinhos na parte da frente do fogão, mesmo por cima do forno. E que botões de gás! Velhos e encardidos, com um aspecto tão, tão, tão, tão apetitosamente rodáveis. E sem pensar um segundo, completamente enlouquecido pela adrenalina, atirou-se para cima do botão que estava na sua trajectória. E não falhou! Na queda acertou no botão de gás do meio, que rodou docilmente sobre si mesmo.

O botão amarelo caiu ao chão e ali ficou, encostadinho aos pés gordurosos do fogão. Teria funcionado? Concentrou-se.

Ouvia distintamente as vozes dos homens que gritavam uns para os outros. Distinguia também as inspirações profundas de um velhote, que tentava fazer a respiração boca a boca ao homem inanimado e que inspirava com grande estardalhaço antes de colar a sua boca fedorenta na igualmente fedorenta boca do homem caído (chamava-se àquilo “respiração boca a boca”, tinha visto na série “Marés Vivas”).

De repente, uma voz alterada a chamar o 112.

E finalmente... seria aquilo? Poderia ser aquele barulhinho, praticamente imperceptível?

O som ansiado (imaginação ou realidade?) foi abafado pelas berros de outro homem, que decidira pôr o coração da vítima a bater, à força de socos. Também ele vira aquilo num episódio de “Marés Vivas”, em que a Pamela se saíra lindamente. Entretanto, o botão amarelo tremia de nervoso e excitação. Com tanta confusão não tinha a certeza de ter ouvido bem... mas... agora... sim! Agora sim! Ouvia o gás que saía, de fininho, sorrateiramente. Estaria a sonhar? Merda, a ambulância que chegava. Tanto barulho! Agora já não ouvia nada outra vez... com a chegada dos paramédicos e com toda a gente a tentar explicar ao mesmo tempo o que se tinha passado era impossível de dizer se a nuvem invisível continuava em fuga...

Estava o botão a tentar localizar de novo a melodia do gás, quando o barman, lembrando-se do que dera origem aos acontecimentos, se aproximou do fogão. Olhou à volta com atenção até localizar o pequeno e maléfico objecto que vira saltar da boca do seu cliente. Com um olhar de grande ódio, pôs-se a observar o botão do alto do seu metro e setenta. Numa atitude muito viril deu uma passa e soltou uma

nuvem de fumo, exactamente como vira Clint Estwood fazer num filme. Na realidade, havia vinte anos que não pegava num cigarro, mas as emoções da noite tinham sido demasiado fortes para ele e estava-lhe a saber muito bem a companhia da nicotina

- Ar iu tóquing tu mí? - perguntou numa voz grossa, tal como ouvira uma vez ao Robert de Niro.

E, num acto de violência gratuita, chutou o botão contra a parede. O pobre objecto amarelo, pálido como nunca, prestes a desfalecer devido ao choque, ficou quieto, perto de um rodapé, olhando no meio de uma névoa para o seu carrasco, que estacara ao lado do fogão.

Nunca se esqueceu do que se passou de seguida: o homem, numa atitude estupidamente máscula, sem tirar os olhos do botão, soltou uma grande baforada de fumo, tirou o cigarro da boca e atirou-o sobre o fogão. Depois avançou em direcção a ele, em passos firmes à la Charles Bronson, as pernas levemente arqueadas, os braços afastados do corpo, modelo Robocop.

- Faço-te num oito. Maldito!

Deu um passo... dois... três passos... e... BUM.

A idade adulta

O botão amarelo passou uma semana num estado febril, desorientado. A explosão miraculosamente não o ferira, apesar de ter atingido todos os presentes, num total de catorze, de ter quebrado todos os vidros da vizinhança, ter morto a velhinha do andar de cima de ataque cardíaco e de ter feito um rombo terrível no tecto. Os bombeiros passaram três dias a recolher pedaços dos ocupantes, a tentar não os misturar e a garantir que o resto do edifício (que tinha apenas dois andares, ocupando a tasca o rés-do-chão) não se desmoronaria. O botão passou esses dias em delírio, coberto de estuque, confuso com o que se passava, num estado de insanidade que não provinha dos mau tratos que recebera, mas do excesso de emoção. Era demasiada felicidade assassinar assim, tanta gente, todos de uma vez...

E foi ao fim de uma semana quando as enchentes de bombeiros, polícias e alguns curiosos se acalmou, que o botão voltou à realidade. Começou por tomar consciência de que estava muito sujo. Depois, que várias pessoas andavam de um lado para o outro, aparentemente muito atarefadas. Finalmente, que tinha mesmo ao lado um destroço que se assemelhava muito ao bico pequeno do fogão.

- Então pá, já cá 'tás? - perguntou-lhe este quando o sentiu desperto. - Há uma semana que tás na tua onda, meu.

O botão resolveu ignorá-lo.

- Foi cá uma cena! Havias de ter visto, ali de onde eu estava. Bati na parede cá c'um speed. E depois ainda acertei na cabeça de um bacano qualquer. Olha, amolguei-me todo. De resto até foi fixe. E a besta do bico grande quinou-se. Foi bem feita p'ró sacana! Sempre com a mania qu'era o melhor e que...

Não acabou a frase: uma espampanante ruiva, vestida de preto dos pés à cabeça, apanhou-o, olhou bem para ele com uns minúsculos olhos castanhos levemente estrábicos e, com um ar desiludido, franzido um narizinho que faria inveja à Miss Piggy, meteu-o num saco do lixo enorme, perante os seus protestos e insultos:

- Questamerda? Solta-me vacorra. Socorro! Questamerda?

No seu cantinho, o botão encolheu-se todo. Mas a rapariga viu-o, baixou-se de novo fazendo ranger as calças de cabedal e pegou nele com uma mão esquelética, de unhas pretas. Primeiro soprou com força e o botão, apesar do hálito a café, sentiu-se logo mais amarelo, mais vivo. Depois esfregou-o contra a camisa colante.

- Tucha, não foste tu quem perdeu um botão amarelo?

Uma loira gigantesca e gorducha, com cara de boneca e uma covinha no queixo, aproximou-se.

- Fui Brigitte. Obrigada - agarrou no botão com uma mão sapudinha, e também ela o soprou e esfregou na camisa. O botão ouviu-lhe o coração a bater com força e sentiu-se revigorado.

Depois a rapariga, que o botão reparou ter uns enormes olhos azuis, levou-o à casa de banho, lavou-o com dedos sábios e ainda o esfregou com uma escova para as unhas que lhe fez umas cócegas dos diabos. Ao mesmo tempo falava com ele, sorria fazendo desaparecer os olhos nas bochechas que subiam:

- Mostra lá botãozinho, qual é a tua verdadeira cor. Quando eu acabar, vais ficar a brilhar. Tirei um curso de eliminação de duzentos e sete tipos diferentes de nódoas, pelo que sou especialista na arte de limpar!

Observou-o com atenção:

- Olha que engraçado, se não me engano era mesmo esta a cor! E o tamanho... Obrigada Brigitte.

Em cinco segundos o botão amarelo encontrou-se no bolso traseiro de uns jeans justos e cheirosos. Sentiu um rabinho bem feito do outro lado e suspirou. Não havia mais dúvidas: estava apaixonado pela Tucha!

E assim começaram os melhores tempos da vida do botão. Para seu grande júbilo foi cozido com uma fina mas forte linha amarela, na primeira casa de uma lindíssima blusa de fundo igualmente amarelo e finos motivos florais. Para colmatar tanto prazer, a blusa cheirava maravilhosamente e o botão associava esse cheiro às florzinhas azuis e vermelhas espalhadas por todo o lado. Era como viver num verdadeiro jardim!

Depois de ser cozido passou uns dias pendurado no guarda vestidos e fez amizade com o botão que habitava a casa imediatamente abaixo. Este contou-lhe que a dona da blusa, a Tucha, tinha uma sociedade com mais três raparigas: a Brigitte (que o botão já conhecia), a Lina (o cérebro das quatro, a que tratava dos impostos e programava a Bimby) e a Ágata (que já trabalhara num circo como trapezista e que fugira no dia em que lhe negaram o seu sonho: fazer de palhaço rico). Tinham comprado o edifício para instalarem o seu negócio. Os inquilinos que restavam tinham fugido, com medo de uma derrocada e o dono, um emigrante que andava ansioso por se desfazer daquela velharia que alugava a rendas irrisórias, aproveitara a ocasião, vendendo-o ao preço da chuva e em tempo recorde. As

quatro raparigas não tinham deixado escapar a oportunidade e, com muita energia, foram recuperando a casa. Trabalharam dia e noite, pintaram as paredes de vermelho, compraram alcatifa da mesma cor, puseram colchões de água em vários quatinhos, fecharam a entrada principal e recuperaram a das traseiras, muito mais discreta; aproveitaram o buraco no tecto para fazer umas escadas interiores para o andar de cima e o falatório sobre a explosão (corriam boatos que fora uma bomba) para propagandear o negócio; finalmente mandaram fazer um guarda roupas gigante para albergar o vestuário nocturno das quatro, um monstro que se erguia até ao tecto e cuja existência também servia para amparar o andar de cima, especialmente o quarto das escadas. Enfim, com muita dedicação transformaram o edifício numa casa habitável, confortável e... digamos... convidativa. Como ainda por cima era frequentada por bombeiros, polícias, homens das obras e curiosos, clientes foi o que nunca lhes faltou, desde o dia em que inauguraram o Sharon Stone.

Tucha tinha tirado uma vez um curso de calorias/proteínas por grama em leguminosas, pelo que era a responsável por comprar os saudáveis ingredientes que Lina iria cozinhar na Bimby. Assim, dia sim, dia não, saía para fazer compras. A blusa era uma das poucas peças de uso pessoal e diurno, de modo que não tardou a ser usada numa ida ao supermercado.

A primeira vez que Tucha a vestiu ficou para sempre gravada na memória do botão. Foi tão emocionante sentir o corpo dela debaixo do tecido, que desde que a rapariga saiu de casa até ao momento em que chegou à secção de congelados, nenhum dos habituais pensamentos maquiavélicos lhe passou pela cabeça.

Foi aí que apareceu o rapazolas pervertido. Aliás, foi a maneira obscena, como olhou para Tucha (os olhos esbugalhados, a língua pendente) que chamou a atenção do botão que ficou completamente furioso por a sua adorada Tucha estar a ser o alvo sexual de um pacóvio qualquer. Não podia ser! Ninguém olhava assim para a sua querida e continuava a viver. Ninguém!

Por seu lado, Tucha habituada como estava a despertar a atenção global já nem ligava aos seres humanos que a rodeavam (a não ser que tivessem mais de um metro e noventa, e fossem parecidos com o Mike da série “Marés Vivas”), de modo que o rapaz (franzino, cabelo pelo ombro, risca ao meio, grandes olheiras roxas e uma profunda cara de imbecil) passou-lhe tão despercebido como uma caixa de sardinhas arrumada em segunda fila.

Enquanto Tucha punha um pacote de couves de bruxelas congeladas no carrinho, (apesar dos concelhos de Lina, ainda começava as suas compras pela secção de congelados) o botão roía-se de raiva a pensar como é que poderia eliminar a vil criatura, que entretanto adoptara uma máscara de virilidade e que tentava chamar a atenção de Tucha, seguindo-a por todo o supermercado, aos saltinhos, provocando colisões dos carrinhos, pondo-se à frente dela de telemóvel na mão, a falar em altos berros, enfim... um conjunto de encenações patéticas que não o levaram a nada, pois Tucha nem reparou na sua existência.

Foi, finalmente, no talho que a ocasião se deparou, óbvia, prática e inovadora.

Tucha escolhia uma embalagem na secção das carnes brancas. Foi nessa altura que o futuro cadáver, sem tirar os olhos de Tucha, aproximou o dedo da campainha para chamar o talhante. E ali estava, sorridente e perigoso, mesmo ao lado da campanha, um fio eléctrico, em péssimas condições de segurança. O botão quase nem teve de pensar: no momento em que Tucha se inclinava para agarrar a embalagem eleita, desapertou-se, pondo à vista do predador, um soutien rendado e apetecível. Foi o suficiente para o fazer errar a pontaria e carregar com força no fio eléctrico. Em cheio!

Fez barulho e cheirou a queimado. Na verdade, cheirou muuuuuuito a queimado.

Lamentavelmente o botão não pôde ver tudo até ao fim, porque Tucha, sem dar conta do acidente, se foi embora com os seus bifés de peru, sem sequer se ter apercebido que tinha a camisa aberta e que as suas maminhas tinham acabado de estorricar um homem.

Na sua blusa, o botão ia histórico: iria proteger a sua diva até ao fim dos tempos. Nenhum porco olharia para ela com luxúria. Seria um justiceiro! Com ele Tucha nada teria a temer!

À beira do fim

E assim se foram passando as semanas, entre idas ao supermercado (umas com vítimas, outras com o coração amolecido a ver a Tucha comprar vegetais, iogurtes com fibras, peixinho, leite e tantas outras coisas saudáveis e bonitas), breves estadias na máquina de lavar (ficava sempre tonto na centrifugação, mas achava alguma piada à máquina) e longas no guarda-vestidos. Estes momentos mais mortos davam espaço ao botão para meditar nos seus crimes passados, arquitectar assassínios futuros e até compor quadras de amor à Tucha.

E a vida foi-se desenrolando alegremente até que a desgraça bateu à porta do Sharon Stone numa solarenga sexta-feira treze.

Eram dez horas da manhã quando o armário da roupa nocturna, esgotado pelo peso que suportava sozinho havia tanto tempo, desistiu de lutar e deixou que as suas costas se rachassem. A estrutura desmoronou-se e o armário tombou com grande estrondo, juntamente com um metro quadrado do andar superior. As reparigas ainda dormiam nos seus quatinhos do andar de baixo e nada sofreram com o acontecimento, mas ficaram muito frustradas quando viram os seus lindos vestidos todos sujos e empoeirados, e alguns mesmo rasgados e inutilizados. Limparam tudo o melhor que puderam, mas tiveram de se conformar com o facto de que teriam de gastar uma fortuna na lavandaria da esquina. Quanto ao buracão, arranjaram um tapete para o esconder por cima e um espelho para o tapar por baixo.

Seriam umas oito horas quando deram a tarefa por encerrada. Quem estivesse no andar de baixo via um espelho no tecto, que reflectia um tapete tigrado, e que segundo a opinião de Tucha dava um toque de classe ao Sharon. Quem estivesse no andar de cima via um tapete persa por cima da alcatifa vermelha e, se não lhe passasse por cima, não veria nada de estranho.

Eram então oito horas quando as reparigas resolveram começar a arranjar-se, preocupadas por não saberem o que vestir. Foi quando Lina, fixando as outras com os seus gélidos olhos escuros, praticamente isentos de pestanas e de emoções, sugeriu que explicassem aos clientes que se iniciava a semana temática, a começar no "dia descontraído", em que elas usariam roupa do dia-a-dia. Estava assim resolvido o problema dessa noite.

O senhor Ferreira, um velhote de oitenta e cinco anos e uma libido de dezoito, um dos clientes habituais, foi o primeiro a chegar e achou fantástico vê-las vestidas com roupa tão convencional. Tucha usava a blusa amarela que atraiu logo a atenção do senhor e que a elegeu para essa noite. Erro fatal!

O senhor Ferreira estava com pressa porque a mulher saía do lar sábado de manhã, para ir passar o fim de semana a casa e ele tinha uma semana de deboche para limpar. Assim Tucha e ele subiram rapidamente ao andar de cima. O seu bafo a Alcaceltzer foi demasiado para o botão, que nunca encarara de frente a profissão de Tucha. No seu inconsciente sabia o que ela fazia, mas o amor que nutria pela moça, fizera-o recalcar essa realidade. Infelizmente, quando o senhor Ferreira o desabotoou, perdeu completamente a cabeça. Cheio de raiva, confuso, um rol de emoções a misturarem-se, abotoou-se de novo. O senhor Ferreira ficou levemente surpreendido. Olhou para o botão e, com os seus dedos trémulos, voltou a desapertá-lo.

E o botão fechou a blusa.

O senhor Ferreira estacou embasbacado. Depois, com muito cuidado, separou a casa do botão.

E o botão, furioso, de novo a apertou.

E o senhor Ferreira...

Desaperta... aperta... desaperta... aperta... desaperta... perante o olhar surpreso de Tucha, que observava curiosa as bochechas amareladas do senhor Ferreira a tingirem-se de vermelho e os olhos a prepararem-se para saltar das órbitas profundas.

Apesar da libido do senhor ser equiparável à de um garanhão de dezoito anos, o seu corpo tinha oitenta e cinco anos de vida e dentro desse corpo habitava um coração octogenário. Assim, o senhor Ferreira, depois de várias tentativas de despir Tucha, deu um assustador grito de guerra e rasgou a blusa em dois, perdendo-se depois em guinchos demoníacos, enquanto espancava o resto do quarto com os pedaços mortais da blusa. Subitamente, perante o olhar incrédulo de Tucha, soltou um rugido de dor, agarrou-se ao braço direito, caiu no chão e morreu.

Tucha ficou uns minutos a olhar para o corpo no chão, sem se conseguir mexer, sem sequer conseguir gritar histericamente, arte que aperfeiçoara a partir do dia em que se inscrevera num curso de imobilização de víboras.

O botão que se soltara da blusa e caíra no chão estava entre a satisfação de ter mais uma vítima e a preocupação pelo bem estar de Tucha. Olhava para ela, apreensivo, quando, de repente, a rapariga começou a gritar. Entretanto, as outras três colegas tinham entrado no quarto, atraídas pela barulheira que o senhor

Ferreira fizera na sua luta fatal. Estacaram as três à porta, muito pálidas. E também elas começaram a gritar.

Foi um espetáculo dantesco que durou uns largos minutos, até que Lina se acalmou e, aproximando-se do cadáver, confirmou o óbito.

- Que vamos fazer? Que vamos fazer? - perguntava Tucha, tentando controlar a respiração como aprendera no curso de preparação para o parto, que seguira cheia de motivação, apesar de nunca ter estado grávida.

- Estamos desgraçadas! Estamos desgraçadas! - gemia Ágata na sua vozinha esganiçada.

- Horror! Horror! - dizia gravemente Brigitte que, com tanta excitação e umas lágrimas nervosas à mistura, borrara toda a pintura negra em volta dos olhos.

Quando se acalmaram, sentaram-se as quatro na cama de água e lá ficaram, a arfar e a balouçar com o movimento de vai-e-vem do colchão de água.

- Bem meninas, - começou Lina que recuperara completamente o sangue frio - o senhor Ferreira está morto. Como não podemos chamar a polícia, sugiro que nos desembaracemos do corpo. Sugiro que o enterremos em Sintra. Já vi isto num episódio das Marés Vivas...

- Eles fizeram um episódio em Sintra? - perguntou Ágata espantadíssima.

- Não, estúpida! Eles enterram lá na terra deles. Nós enterramos cá na nossa.

- Olha lá e nesse episódio o mau não foi apanhado pelo Mike? - Tucha estava com medo.

- Foi. Pelo Mike. Cá não há nenhum Mike, de modo que não há problema.

As raparigas olharam umas para as outras, duvidosas, depois voltaram-se para Lina, olharam para a sua cara branca, para os seus olhos escuros e inteligentes, e assentiram.

- Então assim seja. Desfaçamo-nos do corpo em Sintra.

Com grande estardalhaço, entre as quatro, carregaram o corpo para fora do quarto. Por pouco não se esqueceram do buraco no chão e por pouco Ágata não se enfiou por ele abaixo. Foi provavelmente o único momento de sorte, naquela noite fatídica, naquela noite infernal, em que o botão perdeu a sua amada Tucha para sempre!

Tal como Lina dissera, não havia cá nenhum Mike. Infelizmente para elas e para todos os criminosos Lusos, existia o famoso inspector Morcela, o homem que nunca perdia um caso, o homem que apavorava o submundo, o homem cuja imagem povoava os pesadelos dos que não seguiam a lei.

Ora o inspector Morcela investigava naquele momento as mortes que o botão ia causando no supermercado e que, segundo as câmaras de vigilância, ocorriam sempre que uma loiraça boazona fazia as compras. Ia exactamente nessa noite interrogar Tucha quando se deparou com quatro mulheres a transportarem um tapete com forma humana, para dentro de um carro.

Seguiu-as e apanhou-as em flagrante delito, por detrás do Convento dos Capuchos, no momento em que Brigitte chorava porque tinha acabado de partir uma unha preta e Lina dirigia as outras duas, que escavavam com umas pazinhas vermelhas que Ágata ainda conservava da sua infância e das suas idas à Costa da Caparica. Tucha metia a terra num vazinho verde com uns peixinhos em relevo e espalhava-a pelas redondezas.

Tinham deixado os faróis do carro acessos, para terem alguma luz. Suavam todas imenso e tinham cavado quase dois centímetros, quando a figura baixinha do inspector, recortada na luz do carro, lhes apareceu à frente, gritando-lhes que estavam presas em nome da lei e que tudo o que dissessem seria usado...

Foi a imagem mais assustadora com que se depararam nas suas vidas, a daquele homem minúsculo, de gabardine e de óculos escuros, chapéu e grossos bigodes pontiagudos, com um hálito a paio tão forte que mesmo muitos anos depois todas tinham uma verdadeira repugnância pelo enchido. Nunca mais esqueceram aquela visão do demo que marcou o início das trevas nas suas vidas.

Durante longas horas o botão permaneceu ansioso, no chão do quarto, a pensar em Tucha e se não teria feito uma grande asneira.

Até que chegou a polícia. Primeiro entraram dois homens com tão mau aspecto que o botão desconfiou que fossem polícias à paisana. E cinco minutos depois entrou um homem pequenino, com um nariz gigantesco, bigode e óculos escuros. Vinha coberto por uma gabardina dois ou três tamanhos acima do seu e cobria a cabeça enorme com um ridículo chapéu à Dick Tracy.

- Inspector Morcela - chamou uma voz do andar de abaixo.

Os sapatos dirigiram-se para a porta e fecharam-na com estrondo. Depois o barulho de um corpo a cair no andar de baixo, no meio de urros e vidros partidos, chegou-lhe aos ouvidos. Depois nada mais. Durante dez anos... nada mais.

O fim?

Uma década inteira passou o botão amarelo naquele cantinho poeirento, sem nada que o distraísse que não a sua imaginação e a esperança de um dia sair dali e continuar a sua carreira de crimes sangrentos. Volta e meia dava-lhe para a nostalgia e lembrava-se da Tucha querida. O que teria sucedido à sua adorada? E foi assim, entre planos diabólicos e a lágrima no canto do olho, que o botão amarelo passou os tempos mais inertes da sua vida. Via os dias a passarem pela luz do sol que ainda entrava por uma das portadas que ficara mal fechada e observava o quarto a encher-se de pó, os tecidos da cama a apodrecerem e uns bichitos a acomodarem-se aqui e ali. O dia em que ouviu uns foguetes lá fora foi um dia festa, e o dia em que dois carros bateram, mesmo do outro lado da persiana, foi um marco no meio daquela pasmaceira, uma verdadeira excitação que lhe deu pano para imaginar, durante meses e meses, um cenário catastrófico, onde vários carros colidiam provocando um banho de sangue.

E lá continuou a vida, fora daquele quarto estagnado no tempo, até que um dia se ouviram vozes no corredor. Essas vozes conversaram e conversaram, num tom muito educado, sem que se conseguisse perceber o que diziam. Finalmente entraram as donas dessas vozes.

A primeira era uma senhora de meia idade, baixinha e gorducha, de austero fato-saia-casaco azul escuro, grossos óculos de tartaruga e o cabelo todo esticado num carrapito manchado de branco. Tossiu, franziu o nariz e numa velocidade completamente alucinante para aqueles seres cuja existência decorria ao ritmo de um caracol, deu um salto até às portadas e tentou abri-las. Estas, cinzentas e velhas, acordaram da sua década de torpor e, tal como alguém que acorda de repente de um sono profundo, soltaram um longo e desagradável gemido resmungão. Mas depressa perceberam que era o fim daquela época decadente e praticamente se soltaram das mãos da senhora, tal era a pressa de se abrirem para o mundo. O botão suspendeu a respiração, a preparar-se para aquele momento há tanto esperado de libertação e, finalmente, ele aconteceu: o sol entrou pela janela escancarada, atravessou a senhora baixinha e abraçou as paredes, o armário, a cama, as mesinhas de cabeceira, os aranhaços e... o nosso botão. Até o pó parecia irradiar luz e as pequenas partículas de poeira dançavam no ar, inebriadas por aquela luz que de há dez anos ali já só existia na imaginação.

E foi então que a senhora se voltou, para admirar o quarto à luz do dia.

- Está tudo muito porco, mas a área é ótima. Com uma boa limpeza...

- De facto não está mal - o botão voltou-se para ver a personagem que ficara à porta. Era uma mulher igualmente baixinha e talvez também gordinha, o que só se podia supor, pois envergava um fato de freira.

- Vamos ter muito trabalho, mas vai valer a pena irmã Clotilde.

- Claro que vai valer a pena. "Tudo vale a pena se a alma não é pequena", lá dizia Nosso Senhor.

- Ora irmã, não foi Nosso Senhor. Foi o Fernando Pessa.

- Isso é que não foi.

- Isso é que foi.

E foram-se embora as duas a discutir amigavelmente, deixando o botão com um nó na garganta.

No dia seguinte, logo de manhã, apareceram uns homens musculosos que começaram a retirar mobília do quarto sobre as ordens da irmã Clotilde. Não tardou que o botão amarelo chamasse a atenção à senhora. Olhou para ele, curiosa, e guardou-o no hábito. O botão ficou muito impressionado por estar em solo sagrado. Ele um pérfido assassino! Seria um castigo?

Ali permaneceu o resto da tarde, até que a irmã se lembrou dele e o colocou em cima de uma caixinha de cartão, sem tampa, onde se encontravam berlindes, restos de lápis, borrachas, pauzinhos de giz e algumas canetas.

Ficou vinte terríveis dias no seu cantinho, a angustiar-se hora a hora, incapaz de se animar com o aspecto jovial que a casa começava a tomar: o mobiliário pesado desapareceu, as paredes foram pintadas de branco e a luz passou a entrar por janelas que ele nem sabia que existiam. No entanto, qualquer coisa de muito negro aproximava-se e o botão, apavorado, nem coragem tinha para se entreter a magicar os próximos crimes. O horror instalava-se no seu ser.

Quando finalmente o tiraram da caixa, já um verdadeiro pânico se apossara dele. Quando o lambuzaram de cola, começou aos berros: cola? Cola? Colar um botão que nasceu para ser cozido? Quem é que se atreve a pôr cola num pobre botão?

Mas o pior estava para vir: foi habilmente colado numa placa azul bebé, onde também se encontravam os lápis, os berlindes e os outros objectos que tinham habitado a caixa com ele. Estes também estavam encharcados em cola e alguns também refileavam, indignados.

A irmã Clotilde, alheia a tanta reivindicação, bricolou mais um bocadinho, com um ar de satisfação e muita energia e, finalmente, saiu de cima da placa e afastou-se para observar a sua obra.

Para grande horror do botão, por cima dele ainda ficavam restos do famoso espelho do tecto do bordel de Tucha e consegui perceber que tinha sido usado para formar uma palavra: PIMPOLHO podia-se ler.

As letras eram divertidas e coloridas e ele era a pintinha do i. Começou a tremer de medo. O que lhe estava a acontecer? Que coisa terrível lhe estava a acontecer?

Não demorou muito para que a placa fosse colocada na entrada da casa e que meninos fofinhos, de três, quatro e cinco anos, vestidos de todas as cores do mundo, comessem a entrar no edifício. Passavam por baixo dele, ruidosos inocentes e felizes, e o botão gemia, de desespero, por não lhes conseguir tocar, por não poder continuar o seu percurso assassino.

Os seus anos de ouro tinham terminado. Agora era tempo do castigo.